

Algumas palavras no lugar de uma conclusão

Este trabalho, como qualquer outro, surgiu de um interesse pessoal. Na verdade, ele gira em torno de duas questões, duas indagações que estão presentes já há um tempo considerável tanto em minha vida acadêmica quanto em meu trabalho como músico e até em minha vida pessoal. A primeira é a questão do sentido na música, de ser possível ou não comunicar coisas através dela. A segunda é a de que sentimento é esse, tão forte em nossos dias, que estabelece uma espécie de necessidade de ligação com o passado, de gostar de coisas antigas, de gostar de formas de viver, sentir e pensar que já não são mais algo presente e corriqueiro em nossa própria época? Por que algumas pessoas têm isso tão forte? Quase como uma saudade de uma época que não viveram mas da qual, parece-me, de alguma forma formaram uma idéia... O que é essa necessidade de preservar as coisas, tão presente nas sociedades ocidentais contemporâneas? Por que isso?

Foram estas duas indagações que me levaram ao Movimento Armorial. Não que estivesse procurando algo em que as duas se cruzassem, mas penso que meu interesse pelo Armorial foi despertado justamente porque, ao tomar conhecimento de sua existência e propostas, estas questões já presentes em meu universo afetivo de reflexões terem sido como que disparadas.

Assim, no fundo, foi em torno dessas duas indagações que esse trabalho foi pensado. Como em qualquer trabalho acadêmico os caminhos que ele tomou durante sua realização não foram de maneira nenhuma aqueles que eu imaginava trilhar ao começá-lo. Por isso, ao olhar para o trabalho neste momento, vejo que a questão da comunicação através da música foi preterida em nome de uma outra, tão interessante quanto esta e que guarda até certo ponto uma relação forte com ela. Refiro-me à questão da atribuição de sentido, num plano mais geral, à música. Como pode ser atribuído, por exemplo, caráter identitário a um tema musical? Como se pode dizer que determinado elemento presente em uma peça ou um conjunto de peças carrega alguma marca distintivamente brasileira? Embora também não tenha sido possível discutir a questão com a profundidade que intentava fazê-lo, o fato é que o presente

trabalho justamente pavimenta o terreno para que tais indagações possam ser pensadas em relação ao Movimento Armorial com mais segurança e clareza.

Foi exatamente o fato de descobrir que a discussão sobre as propostas armoriais, especialmente no que diz respeito à questão da raça e sua relação com a cultura brasileira, não estava ainda totalmente mapeada — e é claro que este trabalho ainda não conseguiu mapeá-la completamente — que acabou por me fazer desviar-me do projeto inicial. Penso que as reflexões aqui iniciadas poderão contribuir ao menos um pouco para que o corpo de questões que me movia inicialmente possa ser melhor pensado num momento futuro.